

A IDEIA DE PROGRESSO SOB O OLHAR DE MONTEIRO LOBATO:

UMA ANÁLISE A PARTIR DA OBRA *HISTÓRIA DAS INVENÇÕES*

THE IDEA OF PROGRESS WITH THE VISION OF MONTEIRO LOBATO: A REVIEW OF THE WORK HISTÓRIA DAS INVENÇÕES

Roberta Reis Bahia Tszesnioski¹

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo analisar como Monteiro Lobato apresentou a ideia de progresso a partir da obra *História das Invenções*. Mostraremos que a visão em *História das Invenções* está presente também em outros livros do autor. A ideia de progresso trazida pelo autor está associada à perspectiva das invenções, especificamente a invenção da maquinaria, a partir da revolução industrial. Traremos a noção de progresso dentro do modo de produção capitalista, mostrando que a narrativa lobatiana comunga da visão de que a maquinaria aperfeiçoou o trabalho humano. Outrossim, mostraremos que a visão de progresso de Lobato, relacionada às invenções e modernização, é produzida por uma elite econômica, da qual ele pertence. Serão trazidas contribuições de autores como Ângela Marques Costa & Lilia Moritz Schwarcz, David Edgerton, Gilberto Dupas, Karl Marx, Marisa Lajolo, Nicolau Sevcenko, e Paolo Rossi, para essa proposta.

Palavras-chave: narrativa lobatiana; progresso; elite econômica.

ABSTRACT: This paper aims at analyzing how Monteiro Lobato presented the idea of progress in his work *História das Invenções*. We will show how this view is also present in other of his works. The idea of progress, which is associated with the prospect of inventions focusing on machinery, had its foundation with the heyday of the industrial revolution. We will bring the idea of progress within the capitalist mode of production, pointing out that the Brazilian writer shares this view. Furthermore, we show that the view of progress, related to inventions and modernization, is produced by an economic elite, of which he is part. Moreover, contributions from Angela Costa Marques & Lilia Moritz Schwarcz, David Edgerton, Gilberto Dupas, Karl Marx, Marisa Lajolo, Nicolau Sevcenko, and Paolo Rossi, will assist in this endeavor.

Keywords: Monteiro Lobato's narrative; progress; economic elite.

¹ Mestre em Tecnologia, UTFPR.

1. INTRODUÇÃO

O livro *História das Invenções*, de Monteiro Lobato, publicado em 1935, é inspirado na obra *História das Invenções: o homem, fazedor de milagres*, de Hendrik van Loon², que se constitui como uma narrativa histórica, sendo publicado em 1934, e discorre sobre algumas invenções realizadas pelo homem no decorrer da história. A teoria defendida por Loon era de que as invenções teriam como foco aumentar as potencialidades das faculdades naturais do homem: a mão, o pé, a boca, o nariz e os ouvidos.

Portanto, podemos dizer que narrativa lobatiana é uma adaptação da obra de Loon. Contudo, o escritor brasileiro nos mostra o processo de adaptação como um mecanismo de (re) interpretação e (re) criação, contando a mesma história a partir de outro ponto de vista. Dessa forma, Lobato amplia o universo de significados em sua narrativa. Apesar de deixar claro que sua obra parte de uma já existente, ele mostra que faz modificações, uma vez que se tem a inserção de personagens que não existem na narrativa de Loon, assim como há a ambientação de algumas invenções, adaptadas ao contexto brasileiro.

No início de sua narrativa, Monteiro Lobato assume que está realizando uma releitura, uma adaptação da obra de Loon, quando a personagem Dona Benta diz: “— Tenho aqui um livro de Hendrik van Loon —, um sábio americano, autor de coisas muito interessantes. Já li para vocês a geografia que ele escreveu e agora vou ler este

² Hendrik K. Wuillen Van Loon (14.01.1882 – 11.03.1944), holandês de nascimento, em 1919, naturalizou-se norte-americano. Depois de um breve período como professor de história em Cornell University, Loon dedicou-se a escrever livros de divulgação científica, os quais também ilustrava e atualizava constantemente. Entre seus títulos, alguns parecem ter influenciado Monteiro Lobato: *The history of Mankind* (o livro ganhou, em 1922, a Newberry Medal), *Geography the story of the world we live in* (Simon & Schuster, 1932), *The story of inventions: man, the miracle maker* (Horace Liveright, 1934). As duas últimas obras ganharam, na narrativa de Monteiro Lobato, os seguintes títulos: *Geografia de Dona Benta* e *Histórias das invenções*.

último livro — *História das invenções do homem, o fazedor de milagres*. Este livro não é para crianças, mas, se eu ler do meu modo, vocês entenderão tudo” (LOBATO, 1957, p. 6-7).

A pesquisadora Linda Hutcheon (2011) apresenta o fenômeno da adaptação a partir de três perspectivas distintas, mas que estão inter-relacionadas. Em um primeiro momento, a adaptação é vista como *uma entidade ou produto formal*. Por esse viés, ocorre a transposição de uma obra para outra mídia, por exemplo: um romance transformado em um filme; a transposição de gênero, um poema transformado em romance; ou a mudança de foco, que seria contar a mesma história com um ponto de vista diferente, criando “uma interpretação visivelmente distinta” (p. 29).

Em um segundo momento, a adaptação é vista como *um processo de criação*. Esse processo envolve tanto uma (re-) interpretação quanto uma (re-) criação da obra a ser adaptada. “Dependendo da perspectiva, isso pode ser chamado de apropriação ou recuperação” do texto original (HUTCHEON, 2011, p. 29).

Por fim, a adaptação é vista como *processo de recepção*. Nesse processo, considera-se a experiência do leitor com a obra adaptada e sua experiência como leitor da obra original e da obra adaptada, cabendo a ele realizar as inferências, comparações e conclusões sobre os textos. Dessa forma, pode-se dizer que o processo de adaptação versa pelo processo intertextual.

Nisso, verificou-se que o recurso intertextual é uma constante na obra de Monteiro Lobato. Sendo assim, tem-se a história de Loon contada sob o olhar de outro autor, no caso Lobato, que tem influências, crenças, ideologias e visão de mundo diferentes e traz isso para sua narrativa. Por este motivo, a adaptação não pode ser vista como uma cópia de uma história já existente. Assim, a adaptação não é um texto secundário do texto original, mas uma forma de olhá-lo com outras expectativas. Como coloca Hutcheon (2011), a adaptação não é uma vulgarização da história original. Ao

contrário, o que a adaptação não pode fazer é simplificar o conteúdo da obra original, mas ampliá-lo.

Como o foco deste texto é apresentar a visão de progresso presente no texto lobatiano, não discutiremos sobre os distanciamentos discursivos entre as narrativas de Monteiro Lobato e Hendrik van Loon. Apresentaremos somente como o texto do escritor brasileiro trabalha a ideia de progresso.

2. A IDEIA DE PROGRESSO

A narrativa lobatiana abarca o progresso sob duas óticas que se complementam: num primeiro momento, vislumbra o processo evolutivo pelo qual o homem passou como mecanismo do progresso, ideia fortemente relacionada à proposta darwinista de evolução. Num segundo momento, o autor mostra o progresso como instrumento de modernização, o que está estreitamente relacionado com as invenções.

Analisaremos a segunda vertente de progresso fornecida pelo autor, porém, antes de adentrarmos em sua representação, faremos uma breve apresentação da perspectiva de progresso como processo evolutivo.

O darwinismo é uma teoria criada por Charles Darwin, em 1859, a partir da publicação de seu trabalho *A origem das espécies*, que buscou explicar a evolução das espécies a partir do surgimento e perpetuação de todos os seres animais. Segundo Darwin, os seres vivos sofrem um processo de transformação ao longo do tempo, refletindo os acontecimentos da realidade que os cerca. Esse processo passa por quatro fases: Mutação³, Reprodução, Hereditariedade, Seleção Natural⁴.

³ Segundo Gualtieri (2008, p. 26), a teoria da mutação explicava o surgimento de novas espécies pela ocorrência de mutações, termo utilizado para designar variações bruscas e descontínuas capazes de introduzir abruptamente uma nova variedade em uma determinada população, variedade essa que se constituiria em uma nova espécie, porque não seria mais capaz de se cruzar com a espécie da qual surgiu.

O princípio da seleção natural determina quais membros da espécie têm mais chance de sobrevivência, pela adaptação ao meio. A cada geração, a característica favorável torna-se mais pronunciada e mais difundida na espécie. Com o passar dos séculos, a seleção natural elimina as espécies antigas e produz novas. Ao falar de evolução, Darwin não trabalhava com uma teoria vinculada à questão entre superioridade e inferioridade das espécies.

Segundo Regina Cândida Ellero Gualtieri (2008), no século XIX, a maneira de perceber o mundo alterou-se de forma significativa; o meio natural e a sociedade passaram a ser compreendidos como ambientes em constante transformação e não apenas como domínio de permanência e previsibilidade. Ainda segundo a autora, essa nova visão levou à formulação de novas questões relacionados à gênese, ao desenvolvimento e à evolução da sociedade, da vida ou do planeta.

Contudo, a teoria *darwinista* foi transferida para as sociedades humanas, por alguns teóricos, destacando-se Herbert Spencer. Essa nova teoria ficou conhecida como *darwinismo* social, que foi a aplicação de alguns conceitos da teoria evolucionista, como a seleção natural e a adaptação à sociedade. Isso explicaria porque alguns sujeitos poderiam ser considerados superiores e inferiores, a eliminação dos mais fracos e doentes, a adoção de medidas eugênicas, bem como a justificava do poder das elites. Segundo Gualtieri (2008), Darwin foi cauteloso quanto à incorporação de sua teoria evolucionista ao contexto humano, chegando a afirmar que, “apesar de já estar convencido de que o ser humano devia estar sujeito à mesma lei que regia as demais espécies”, resolveu não discuti-la na obra *A origem das espécies* (p. 23).

⁴ Segundo Gualtieri (2008, p. 21), em *A origem das espécies*, Darwin apresentou a ideia de seleção natural como força criativa da evolução; estava ligada a três princípios: a variação, a hereditariedade e a luta pela vida, ou seja, as variações são produzidas a cada geração e essas variações são herdadas, pelo menos uma parte delas, por seus descendentes; os seres vivos produzem mais descendentes do que aqueles que podem sobreviver; os sobreviventes serão aqueles que apresentarem as variações que forem úteis nas suas relações com outros seres, com as condições físicas da vida e que tiverem bom êxito em deixar descendentes.

O evolucionismo *darwinista* e outros evolucionismos a ele relacionados, como a corrente spenceriana, ganharam expressão no Brasil em 1870. Essas ideias foram adotadas por alguns pensadores brasileiros, na busca por compreender o atraso do Brasil e, assim, intervir com mudanças que pudessem acarretar no desenvolvimento econômico da nação, relacionando-se com o tão almejado progresso, uma vez que se tinha um Brasil, no fim do século XIX, em processo de modernização, buscando construir um modelo de nação, de identidade nacional e de povo. Tal visão cai como uma luva para explicar, de forma menos conturbada, algumas mazelas sociais, advindas dessa transformação social, tais como a política de branqueamento, a expulsão de ex-escravos dos grandes centros urbanos, como Rio de Janeiro, o processo de favelização, as políticas eugênicas, entre outros. Dessa forma, o progresso e a modernização representavam a consolidação da nacionalidade brasileira. Segundo Rossi (2000), o evolucionismo assume tonalidades religiosas; a teoria da evolução é levada a coincidir com a do progresso; as aspirações do homem se identificam com as da natureza.

Segundo Gualtieri (2008), as correntes evolucionistas, como o *darwinismo* e o *spencerianismo* deram argumentos para o debate social, político e econômico que estava ocorrendo no país, sendo que uma dessas correntes foi utilizada para explicar a realidade brasileira, sob a ótica das elites. Por esses motivos, pode-se dizer que a teoria darwinista, na sua vertente social, e a ideia de progresso estão estreitamente relacionadas.

Gilberto Dupas (2006), ao buscar conceituar o que seria o progresso⁵, faz um percurso na tentativa de explicar a concepção dessa ideia. O autor apresenta o conceito

⁵ Durante o decurso histórico, a ideia de progresso sempre esteve associada à perspectiva de avanço, de mudança. No dicionário *Houaiss da Língua Portuguesa*, a palavra progresso está definida como "ação ou resultado de progredir; progressão; movimento para diante; avanço"; ou ainda como a "mudança de estado (de algo) que o move para um patamar superior; crescimento; mudança considerada desejável ou favorável; melhoria, desenvolvimento"; e, finalmente, incorporação, no dia-

veiculado na *Grande Enciclopédia Delta Larrouse*, que chama de *progresso* o "movimento ou marcha para frente; desenvolvimento; aumento; adiantamento em sentido favorável ou desfavorável". O autor também traz o conceito da *The Random House Dictionary of The English Language*, que classifica o progresso como movimento em direção a um objetivo ou a um estágio mais elevado ou avançado; também define progresso como atividade de desenvolvimento em ciência, tecnologia e ainda como referente a oportunidades comerciais, criada em consequência ou em função da promoção do bem-estar material da população por meio de bens, técnicas ou facilidades. Portanto, associa progresso à propaganda que envolve a promoção dos novos bens fabricados pela tecnologia.

Dupas (2006) ainda acrescenta o conceito dado por Jérôme Lalande, que diz que a natureza age por progresso, *itus et reditus*. Ele comenta ser essa abordagem sugestiva de um progresso que se faria sozinho, independentemente do esforço humano e reduzido a seus aspectos mais materiais e mecânicos. Para o autor, surgem aí, pois, dois sentidos diferentes para o progresso. No primeiro, o termo é visto como uma "marcha à frente, movimentação numa direção definida" (p. 87). No segundo, ele é associado a um atributo qualitativo, ou seja, "transformação gradual do 'menos bom' para o mito do progresso melhor". Ele ainda traz o conceito, presente no *Dicionário de Filosofia*, elaborado por Nicola Abbagnano, em 1960, de que progresso também designa duas coisas diferentes: "uma série de eventos quaisquer que se desenvolvam num sentido desejável"; ou "a crença de que os eventos da história desenvolvam-se realizando uma crescente perfeição". No último sentido, a palavra designaria também "uma profecia para o futuro" (p. 21).

Ou seja, como posto, pode-se concluir que, dentro dessas concepções, para que haja progresso, é necessário que ocorra uma evolução de forma crescente, uma transformação gradual das coisas e a utilização da tecnologia nesse processo.

a-dia das pessoas, das novas conquistas no campo tecnológico, da saúde, da construção, dos transportes etc". (HOUAISS, 2003, p. 305)

O progresso, dentro do modelo econômico capitalista, apesar de ter uma carga ideológica positiva, traz, em seu bojo, uma carga de perversidade que funciona como mecanismo de exclusão, concentração de renda nas mãos de uma minoria e a manutenção de subdesenvolvimento dos países tidos como periféricos. Essa minoria estaria à mercê desse sistema econômico, que tem em seu cerne a concentração de riqueza e o poder de produção nas mãos de poucos, que determinam o modelo de produção a ser executado por uma maioria, que se organizada consegue causar rupturas nesse modelo. Essa perspectiva traz em sua origem o processo alienatório, silenciando os dilemas éticos e morais, as contradições que permeiam essa ideia de progresso (DUPAS, 2006).

Rossi (2000) afirma que as ideias de avanço, crescimento, aperfeiçoamento, melhoramento, desenvolvimento, ampliação, aumento, extensão, incremento são frequentemente indicadas nos dicionários e usadas pelos falantes como sinônimos do termo progresso. Contudo, segundo o autor, esse discurso começa a se articular no final do século XVIII, na forma de uma teoria do progresso, em que este se configura como uma lei da história, que culmina com o surgimento do modo capitalista de produção.

Ainda segundo o autor, a imagem moderna da ciência desempenha um papel decisivo e determinante na formação da ideia de progresso. Para ele, “dos primeiros anos do século XVII até a segunda metade do século XIX, a ideia de um crescimento, de um avanço do saber acompanha todos os vários e diferentes programas científicos, constituindo, por assim dizer, seu fundo comum” (ROSSI, 2000, p. 49).

Mediante essa contradição advinda do progresso e estando associado às invenções, que trariam a modernização, o homem vai inventando tantas coisas que parece que perde a noção das consequências por vezes negativas que isso pode trazer. Costa e Schwarcz (2000) trazem como exemplo dessa ambiguidade de "modernidade",

progresso, o exemplo de Alfred Nobel, “um industrial bem-sucedido que, embora tivesse inventado a dinamite, era um pacifista assumido” (p. 21).

A ideia de progresso, como está posta, traz, em seu íntimo, a busca por legitimar uma hegemonia reinante, uma vez que o desenvolvimento, avanço, mudança, entre outros significados, está associado à acumulação de riqueza para alguns.

Esta visão de progresso como algo mensurável e palpável realmente teve sua gênese com o surgimento do modo econômico capitalista, que se fortalece com a Revolução Industrial. É essa a perspectiva defendida na obra *História das Invenções*, de Lobato. Percebemos essa visão em algumas passagens da narrativa. Em uma delas Dona Benta afirma que “a máquina é a forma concreta do que chamamos progresso, e progresso quer dizer caminhar para a frente. Ora, como nada pára no mundo, como tudo marcha — e marchar é caminhar para a frente e não para trás — havemos de ter cada vez mais máquinas” (LOBATO, 1935, p. 74).

Dessa forma, subentendemos que a máquina potencializa e aprimora o trabalho do homem, tornando-o eficiente, sendo que isso se estruturaria com a mecanização do trabalho. Segundo Gorz (1982, p. 25), nesse processo de mecanização das relações de trabalho, não é mais o operário que trabalha a matéria e ajusta seus esforços, é a matéria que trabalha o operário. Com a maquinaria, é o sistema mecânico que trabalha, o operário apenas empresta seu corpo, seu cérebro e seu tempo para que o trabalho se faça.

No capítulo intitulado *A mão*, Lobato contempla algumas das invenções, como a invenção do arco, lança, picareta, enxada, canivete, carabina, canhão, martelo, que aumentaram as habilidades da mão humana – e, aqui, ele mostra que a máquina é uma extensão da mão humana, pois aumenta suas potencialidades. Com esta extensão, o homem adquire eficiência, sendo que essa eficiência só poderia vir com a mecanização do trabalho: “Inumeráveis máquinas que aumentam prodigiosamente a eficiência do homem moderno”. (LOBATO, 1957, p.68)

Sevcenko (2001, p. 40) coloca que eficiência, excelência ou eficácia são princípios altamente positivos e desejáveis, desde que não se transformem em panaceias, em fins definidos por si mesmos ou por escalas quantitativas, indiferentes aos contextos em que são aplicados, às pessoas e aos recursos envolvidos ou a critérios qualitativos que mantenham compromissos com valores éticos, sociais e ambientais.

Lobato, na obra *América*, retoma a ideia de progresso ao afirmar que “progredir é isso, maquinar, inventar – criam-se condições novas de vida, que provocam deslocamentos de homens” (LOBATO, 1951, p. 68). Ou seja, o progresso está diretamente associado a uma determinada categoria de invenções, além de ser determinante na configuração de novas relações sociais.

Podemos identificar que, na narrativa lobatiana, defende-se a ideia de que a máquina facilita o trabalho do homem, permitindo-lhe realizar várias operações, e, com isso, a produção aumenta. Além disso, uma atividade que levaria um tempo maior para ser executada, com a utilização da máquina, é realizada num tempo menor, o que levaria o homem a trabalhar menos. No entanto, acontece exatamente o contrário.

No Brasil, no fim do século XIX e entrada do século XX, a ideia de progresso esteve associada à ideia de modernização, que conseqüentemente liga-se às invenções, que poderiam ser consideradas como aparatos tecnológicos. Costa e Schwarcz (2000) relatam que, nessa fase, se está falando de certa burguesia industrial, orgulhosa de seu avanço, que viu na ciência a possibilidade de expressão de seus mais altos desejos. “Tal qual uma revolução industrial que não acaba mais, aqueles homens passavam a domar a natureza a partir de uma miríade de invenções sucessivas. Cada novo invento levava a uma cadeia de inovações, que por sua vez abria perspectivas e projeções inéditos. Dos inventos fundamentais aos mais surpreendentes, das grandes estruturas aos pequenos detalhes, uma cartografia de novidades cobria os olhos desses homens estupefatos com suas máquinas maravilhosas” (p.10).

A velocidade com que os inventos apareciam e se impunham mostrava uma imagem de que não havia possibilidade de freá-los. Quem se opunha a essa nova forma de reestruturação social, por intermédio das invenções, era visto como opositor ao progresso, à modernização. Podemos verificar essa visão sendo retratada em um diálogo entre Narizinho e Dona Benta:

— Interessante, vovó, como a inteligência dos homens é desigual. Nuns, tão grande que inventam coisas; noutros, tão pequena que se revoltam contra as invenções ...

— Realmente, minha filha. A distância entre a inteligência dum Newton e a dum homem comum do povo é talvez maior que a distância entre a inteligência desse homem do povo e a de um boi de carro. (LOBATO, 1935, p. 73)

Tem-se a exaltação do conhecimento científico, que proporcionaria o desenvolvimento social em detrimento do conhecimento popular. Dessa forma, a ciência explicaria com maior fundamentação os conceitos e situações que o conhecimento não-científico não conseguiria elucidar.

Numa outra passagem, Dona Benta mostra a importância do conhecimento científico para a compreensão do mundo. Tem-se o enfraquecimento do mito difundido pelo povo para explicação das coisas e o fortalecimento da ciência como instrumento da verdade, ideia relacionada à perspectiva positivista.

Em outro capítulo, intitulado *Da pele ao arranha-céu*, Dona Benta afirma que todas as invenções humanas têm um objetivo comum: poupar esforço, fazer as coisas com o mínimo trabalho possível. Desse modo, o prazer do homem aumenta, porque o esforço é sempre desagradável.

Daí vem dizer-se que a lei do menor esforço é a lei que rege o progresso humano. No começo o homem tinha de fazer tudo unicamente com a força dos seus músculos, e o esforço era penosíssimo, era doloroso. Progresso quer dizer isso: fazer as coisas cada vez com menor esforço e, portanto, cada vez com maior prazer. E para libertar-se do esforço o homem foi aumentando a sua eficiência. (LOBATO, 1935, p. 20)

Dessa forma, não é qualquer invenção que traz o progresso, mas aquelas que permitam o homem poupar esforço. Sendo assim, pode-se inferir que a invenção da linguagem, como colocado pelo escritor no capítulo *A boca*, não trouxe o progresso, haja vista que ela é inventada pela necessidade dos homens se comunicarem, de falarem algo. Contudo, a invenção da máquina, já que aliviaria o trabalho do homem, é tido não só como um grande fator gerador de progresso, como também de eficiência no processo de trabalho.

Ainda assim, percebemos que o progresso está estritamente relacionado às invenções, que foram utilizadas para aumentar a eficiência do homem. A noção de eficiência, que viria quando o homem estivesse em posse de instrumentos que fossem melhorar o seu desempenho laboral, embasa o discurso sobre o progresso e a modernidade presentes na obra de Monteiro Lobato.

O escritor, além do livro *América*, traz em *O poço do Visconde* e em algumas de suas palestras, que podem ser encontradas no livro *Conferências, artigos e crônicas*, alguns exemplos de progresso, principalmente nos Estados Unidos. Nesse país, o progresso podia ser mensurado pela riqueza que se acumulava. O autor, que viveu por cinco anos lá, tinha nesse país um exemplo de grandeza, riqueza e progresso, tanto que afirma que:

Esse país foi até 1776 uma colônia inglesa, como nós fomos colônia portuguesa até 1822. Está no mesmo continente em que estamos. Possui um território do tamanho do nosso. Foi povoado pelos elementos humanos que entraram na composição do nosso povo: europeu, índio e negro. As riquezas nacionais de ambos os países se equivalem – e ambos possuem a mesma forma de governo. Com tantos pontos de semelhança, por que motivo um se desenvolveu dessa maneira, a ponto de tornar-se o país mais rico e poderoso do mundo, e o outro vive pobre, encarregado de dívidas, com progresso apenas num ou noutro ponto? (LOBATO, 2010, p. 22)

Como visto, Lobato era um grande admirador do progresso americano, tanto que declara que os Estados Unidos são “um país industrialmente desenvolvido de forma plena e fascinado pela modernidade das máquinas e tecnologia” (LAJOLO, 2006, p. 72).

Este é o ponto central da perspectiva de progresso para o escritor brasileiro: o país só progredirá se tiver maquinaria e tecnologia para aumentar a eficiência do trabalhador. Sendo assim, para ele, é possível mensurar o progresso por intermédio da riqueza que o país possui. Para ele, “era necessário inventar coisa melhor. Começaram então a aparecer o petróleo e a eletricidade” (LOBATO, 1935, p. 68).

David Edgerton (2006) vai expor que, no século XIX, divulgava-se, equivocadamente, a ideia de que os inventores estavam à frente de seu tempo, bem como o avanço da ciência e da tecnologia estava acontecendo de maneira mais rápida do que a sociedade podia suportar. Nesse momento, também se tem a ideia de que a tecnologia vem para dar mais conforto ao homem, contudo, aumentou sua produtividade.

Percebemos também que o discurso do escritor brasileiro converge com a ideia de que a história das invenções, que perpassa pela noção de progresso e modernização, é contada a partir de uma perspectiva linear e gradual. Por isso, sua visão de progresso é positiva, de avanço, de melhoria nas estruturas sociais. Pensando assim, o autor não mostra as invenções que deram errado.

Nessa visão linear, perpassa a ideia de que o aparecimento de um invento obrigatoriamente desencadeará o surgimento de outra invenção, como se houvesse uma relação de continuidade. Nisso, ressalta-se que a criação de um invento sempre é associada a um único indivíduo e não a uma construção coletiva.

Dessa forma, apaga-se a contribuição de outros sujeitos na elaboração de uma invenção, enfatizando-se apenas um inventor. Frente a isso, Edgerton (2006) diz que a opção de se atrelar a criação de um aparato tecnológico a um sujeito tem um posicionamento político, que é o de despertar o espírito de nacionalidade na

comunidade onde esse sujeito está associado, no sentido de valorizar sua cultura, a qual está ligada a um modo de pensar a sociedade. Nessa visão, ao se elencar uma invenção como mais importante em detrimento de outra, está se enaltecendo uma cultura em detrimento de outra.

Percebe-se que essa é uma visão comum sobre a necessidade das invenções, como se não pudesse existir outro modo de vida sem os instrumentos criados. Lobato coloca que as invenções aparecem para aliviar o trabalho do homem, ou seja, era necessário que isso acontecesse para que o homem pudesse suavizar seu trabalho. Como consequência, viria o progresso, visto como processo necessário. Nessa perspectiva, faz-se necessário inventar coisas, como se a humanidade fosse fadada a criar sempre objetos que viessem para facilitar seu modo de vida. Ou seja, há a defesa de um determinismo do progresso, bem como a história das invenções associada à história do progresso humano.

Há falsas ideias de que as invenções são fundamentais e, sem elas, o mundo não teria evoluído, e de que o progresso é essencial para o aperfeiçoamento da sociedade. Dupas coloca que nada impede que reconheçamos e desejemos maior progresso e, ao mesmo tempo, constatemos que obtê-lo não melhora necessariamente a qualidade de vida para a maioria das pessoas, além disso, como seres humanos, éramos os mesmos sem esses aparatos, quando ninguém ainda os tinha. Fissão ou fusão atômica e interferência genética seriam bons exemplos típicos da "faca de dois gumes" do atual padrão de "desenvolvimento"; e, muitas vezes, o gume dos riscos parece mais cortante que o outro (DUPAS, 2006, p. 14).

Como mencionando anteriormente, David Edgerton, em sua obra *The shock of the old*, elucida que não se tem uma história das invenções, mas, ao contrário, tem-se a história dos inventos que foram bem-sucedidos. As invenções malsucedidas são apagadas da história.

Isso porque se ressaltasse os motivos que fizeram com que um objeto não tenha sido aceito por uma dada sociedade, teria que se estudar o uso e a importância de tal aparato para aquela comunidade. Sendo assim, teria que se aceitar a existência de sujeitos que foram apagados nesse processo histórico. Além disso, teria que se aceitar que alguns aparatos tecnológicos não fariam falta para algumas sociedades. Logo, a invenção não seria vista como algo necessário e fundante do progresso.

Edgerton (1999) discorre que as invenções que não foram apropriadas pelos sujeitos não são contempladas na história das invenções. Sendo assim, não se questiona por que determinados inventos não foram apropriados por algumas comunidades. Isso porque a história das invenções perpassa por entender a cultura de uma dada comunidade e o motivo de um invento ser aceito ou não por ela. O autor ainda afirma que “a história das invenções que temos é, ela própria, centrada na inovação. Centra-se em (alguns) aspectos da invenção, e enfatiza mudanças na invenção, porém não centra no que não muda” (1999, p. 184)⁶.

Para o escritor, a história das invenções que se tem é a que ele denomina como inovação centrada. Ou seja, centra-se em aspectos do que é novidade em se tratando de invenção. Ele discutirá que inovação é quando há aceitação, no sentido de uma invenção ser utilizada pelos sujeitos dentro de uma dada comunidade. Edgerton ainda diz que “uma das coisas mais importantes e interessantes sobre a invenção é que ela apresenta continuidades importantes, que não são suficientemente reconhecidas, e que na verdade tem mudado de maneiras que não são suficientemente apreciadas” (1999, p. 184)⁷.

⁶ Tradução da autora do original: but the history of inventions we have is itself innovation-centric. It focuses on (some) aspects of what is new in invention, and it highlights changes in invention, not what does not change”.

⁷ Tradução da autora do original: “One of the most important and interesting things about invention is that it exhibits important continuities which are insufficiently recognised, and indeed that it has changed in ways we do not sufficiently appreciate”.

Não se tem como negar os benefícios advindos com as invenções e as tecnologias, que estão subtendidos, como a maquinaria, que agiliza o trabalho do homem; as grandes navegações; as mortes evitadas por intermédio das vacinas; o fácil deslocamento; a rapidez; o encurtamento de distâncias, por meio dos automóveis; os aviões; os trens; a comunicação à distância, a possibilidade de chegar a lugares aonde não se chegaria sem determinados inventos, entre outras coisas. Contudo, é importante ressaltar que esse progresso não abarca a todos e que está à mercê de um grupo que determina quem pode ter acesso e usufruir dele.

Para Edgerton (1999), a questão central, então, não é basicamente compreender o discurso sobre a história das invenções, pois, como é apresentado, está associado à noção de progresso; ao contrário, é questionar como e por quem esse discurso é produzido e como se constrói a imagem de que o progresso e as invenções são essenciais para o desenvolvimento da sociedade.

3. CONCLUSÃO

Há, portanto, uma falsa ideia, *inovocêntrica*, de que as invenções são fundamentais e que, sem elas, o mundo não teria evoluído, bem como de que o progresso é essencial para o aperfeiçoamento da sociedade. Dupas (2006) expõe que nada impede que se reconheça e se deseje maior progresso e, ao mesmo tempo, se constate que obtê-lo não melhora necessariamente a qualidade de vida para a maioria das pessoas.

Pode-se subentender que a ideia de progresso, relacionada às invenções e à modernização, é produzida por uma elite econômica, a qual Lobato é pertencente. Percebe-se, também, que o discurso do escritor brasileiro converge com a ideia de que a história das invenções, que perpassa pela noção de progresso e modernização, é contada a partir de uma perspectiva linear e gradual. Por isso, sua visão de progresso é

positiva, de avanço, de melhoria nas estruturas sociais. Ou seja, a tentativa de mostrar o lado civilizado do país, a partir de algumas invenções, impede que se discuta sobre por que um contexto cultural promove ou resiste a uma nova tecnologia.

REFERÊNCIAS

COSTA, A. M.; SCHWARCZ, L. M. *1890-1914: No tempo das Certezas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

DUPAS, G. *O mito do progresso, ou progresso como ideologia*. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

EDGERTON, D. *The shock of the old: Technology and Global History since 1900*. Great Britain: Profile books ltd, 2006.

_____. *From Innovation to Use: ten eclectic theses on the history of technology*. *History and Technology*, vol. 16. 1999. Disponível em: <<http://195.134.75.14/gsd/collect/histsc/index/assoc/HASH07d0.dir/doc.doc>>. Acesso em 01 nov. 2014)

GORZ, André. *Adeus ao proletariado*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

HUTCHEON, L. *Uma teoria da adaptação*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2011.

LAJOLO, M. *Monteiro Lobato: um brasileiro sob medida*. 2ª ed. São Paulo: Salamandra, 2006.

LOBATO, M. *América*. 4ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1951.

_____. *O Poço do Visconde*. 5ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.

_____. *História das Invenções*. 9ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1957.

MARX, K. *O Capital*. In: *A maquinaria e grande indústria*. 2ª ed. São Paulo: Nova Cultural, 1986.

ROSSI, P. *Naufraágios sem espectador*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

SEVCENKO, N. *A corrida para o século XXI: no loop da montanha-russa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

Submetido em: 21/07/2014

Aceito em: 09/09/2014